



SOUSA, David Tavares de; SANTOS, Iara Rodrigues Vieira; SANTOS, Mirelle de Souza. Estudo de três adaptações de *Os Lusíadas*, de Camões. *Revista Épicas*. N. 15 – jun 24, p. 187-193.
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.v15>

ESTUDO DE TRÊS ADAPTAÇÕES DE *OS LUSÍADAS*, DE CAMÕES

ESTUDIO DE TRES ADAPTACIONES DE *LOS LUSIADAS*, DE CAMÕES

David Tavares de Sousa
Iara Rodrigues Vieira Santos
Mirelle de Souza Santos¹
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

RESUMO: Os estudos de obras clássicas fazem-se necessários para a contribuição do repertório literário do indivíduo. Nesse ínterim, levando em consideração alguns aspectos que caracterizam as obras clássicas tais como a linguagem e o conhecimento vasto e que, no caso aqui tratado, obras do gênero épico, as adaptações são ferramentas-base para a imersão dessas dentro de um contexto de ensino básico. Tendo em vista essas condições, o presente trabalho buscou visualizar a importância do estudo de adaptações no âmbito básico. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica e fundamentou-se, teoricamente, em alguns autores como Ramalho (2015) e Lima (2023). Não obstante, em especial, as adaptações aqui tratadas referem-se ao clássico “Os Lusíadas” de Camões e o episódio de enfoque para a compreensão dos mecanismos usados para a releitura foi “O concílio dos deuses”. As considerações finais estão pautadas no entendimento sobre a necessidade de disseminar as adaptações e ter uma leitura crítica, usando mecanismos que sejam possíveis compreender os pontos negativos e positivos de cada uma delas.

Palabras-chave: adaptações; *Os Lusíadas*; ensino básico

RESUMEN: El estudio de las obras clásicas es necesario para contribuir al repertorio literario del individuo. Mientras tanto, teniendo en cuenta algunos de los aspectos que caracterizan a las obras clásicas, como el

¹ Estudantes de graduação do 3º período do curso Letras/Português da Universidade Federal de Sergipe. Integram o *Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicas (CIMEEP)* como Membros do grupo de Trabalho “Historiografia Literária” Investigação coletiva: História da épica na América do Sul.

lenguaje y el vasto conocimiento y, en este caso, las obras del género épico, las adaptaciones son herramientas básicas para la inmersión de estas obras en un contexto de escuela primaria. Teniendo en cuenta estas condiciones, este trabajo buscó visualizar la importancia del estudio de las adaptaciones en la escuela primaria. Para ello, se realizó una revisión bibliográfica y se basó teóricamente en autores como Ramalho (2015) y Lima (2023). Sin embargo, en particular, las adaptaciones aquí tratadas se refieren al clásico "Os Lusíadas" de Camões y el episodio de enfoque para la comprensión de los mecanismos utilizados para la relectura fue "O concílio dos deuses". Las consideraciones finales parten de la comprensión de la necesidad de divulgar las adaptaciones y leerlas críticamente, utilizando mecanismos que permitan comprender los puntos negativos y positivos de cada una.

Palabras clave: adaptaciones, *Os Lusíadas*, escuela primaria

Introdução

As discussões acerca das obras clássicas são antigas e estas estão, em sua maioria, presentes apenas no contexto acadêmico. Sabe-se que os clássicos são dotados de uma linguagem complexa e exige um repertório imenso para a sua compreensão. Nesse ínterim, para que o ensino básico possa vir a presenciar o estudo das obras clássicas, uma estratégia é que este venha a se deleitar de adaptações que sejam de fácil entendimento para o público-alvo a ser alcançado.

Nesse viés, buscamos uma obra clássica, que faz parte do gênero épico, para analisar algumas adaptações e como elas aproximam-se e distanciam-se da obra original. A obra selecionada foi *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões que, em meio a diversas adaptações, buscou-se analisar a de Braga; Braga (2007), Nesti (2006) e Vale (2005). Ainda, para uma melhor visualização, foi feito um recorte de um dos episódios da obra épica, "O concílio dos deuses" para que pudéssemos contemplar os mecanismos usados nas adaptações para a sua retextualização. É válido ressaltar que o presente trabalho é fruto de uma leitura da obra de Lima (2023), reunindo pontos-chave dessa obra para o nosso análise.

Dentro dos tópicos que serão apresentados, buscaremos expor um breve sumário acerca de *Os Lusíadas* e quais características a configuram como uma obra épica, alguns prós e contras do uso de adaptações no ensino básico e proximidades e distanciamentos das adaptações supracitadas no episódio "O concílio dos deuses".

1. Os Lusíadas, de Camões, suas características e suas configurações como gênero épico

Luís Vaz de Camões, escritor da obra *Os Lusíadas*, nasceu em 1524, século XVI, na cidade de Lisboa. Este século, período Renascentista, foi marcado pela retomada de preceitos greco-romano e, com isso, o gênero épico, que conta com obras clássicas como a *Odisséia*, de Homero, e a *Eneida*, de Virgílio, que immortalizam, respectivamente, os grandes impérios antigos gregos e romanos foram inspirações para Camões (MOISÉS, 2006). A grande epopeia clássica portuguesa, *Os Lusíadas*, é composta por 10 cantos, com um total de 1.102 estrofes e

8.816 versos.

É válido ressaltar que os versos são decassílabos, ou seja, há 10 sílabas poéticas. Além disso, Camões busca narrar os feitos dos povos lusitanos e eternizar sua nação, diante de uma mesclagem histórica e mítica, assim como fizeram Homero e Virgílio. Em linhas gerais, Camões narra a viagem histórica que Vasco da Gama realizou até chegar às Índias. Nesta viagem, Camões entrelaça o plano histórico e o plano maravilhoso, que caracterizam o gênero épico, como também a Proposição, nas três primeiras estrofes, do canto I e a Invocação que começa na quarta estrofe e se estende em certos pontos do poema.

De acordo com Ramalho (2017, p. 33), a Proposição é a parte do texto que o teor da matéria épica fica explícito. Já a Invocação, o poeta pede “inspiração, amparo, energia e clareza, para que o resultado seja adequado à matéria épica enfocada” (RAMALHO, 2017, p. 78). A inspiração pedida na Invocação é feita às musas, o que marca mais um resgate da Antiguidade. Nesta obra clássica, há vários episódios marcantes, sendo eles: Velho de Restelo, Gigante Adamastor, Inês de Castro, Ilha dos Amores, Máquina do Mundo e, o enfoque dado neste trabalho, O Concílio dos Deuses.

2. Sobre adaptações: vantagens e desvantagens

Referindo-se a adaptações, é importante que saibamos visualizá-las de forma crítica. Para tanto, é necessário conhecer, em linhas gerais, aspectos vantajosos e não vantajosos que as circundam, em especial, quando trata-se de sua presença no ensino básico.

No tocante às vantagens, Lima (2023) defende que o contato inicial, de forma indireta, pode ajudar o aluno para quando ele for ler a obra original. Neste aspecto, concordamos que a leitura prévia de uma adaptação pode culminar na compreensão do apanhado geral da obra original, levando o aluno a conhecer o enredo e até mesmo a motivar-se para a leitura original.

Mateus (2014) nos mostra um aspecto interessante referindo-se às desvantagens. Ele as divide em dois momentos: ensino da língua materna e institucional. No primeiro, o texto literário é encontrado em segundo plano e há uma “redução do tempo letivo consagrado à leitura” (MATEUS, 2014, p.5). No segundo, Mateus (2014) defende que os programas de leitura destinados às escolas acabam reduzindo a indicação de obras literárias.

Nesse sentido, é importante a ressalva sobre os dois aspectos mencionados, pois as leituras dos clássicos são usadas para a formação do indivíduo, tanto em aspectos constituintes de repertório sociocultural, como na formação da língua materna deste e o foco exclusivo em adaptações pode prejudicar essa formação. No aspecto institucional, reduzir o uso das obras clássicas é, inicialmente, um fator que contribui nos outros aspectos citados acima, pois, com a escassez dessas obras no âmbito escolar, a democratização torna-se dificultosa.

Por fim, Oliveira *et al.* (2019) defende o acesso às adaptações, pelo público infantojuvenil, possibilitando que estes venham a atribuir, de forma que lhe gere prazer e significado, o possível acesso às obras originais. Nesse sentido, apresentar as adaptações é uma forma de, como citado acima, mostrar ao leitor a sua importância e possibilitar um interesse intrínseco que gere motivação, identificação e curiosidade para o público ir atrás da produção original, “não por mera obrigação” (OLIVEIRA *et al.*, 2019, p.3)

3. “O concílio dos deuses”: Breves aspectos entre a adaptação e a obra original

3.1 Vale (2005)

Na obra de Ricardo Vale, vemos uma abordagem destinada ao público infantil, na qual o autor, em sua retextualização, preocupa-se com uma narrativa de fácil entendimento para crianças e, de certa forma, ao público leigo que venha a lê-la. A adaptação de *Os Lusíadas*, pela editora Recontar, surge dividida em 20 capítulos e “O concílio dos deuses” encontra-se ao longo do capítulo II.

O autor apresenta a fala de Júpiter, como no trecho “Fez-se silêncio, logo que a voz troante de Júpiter ecoou no palácio” (VALE, 2005, p.6) de modo contrário ao que Camões representa na estrofe

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros Deuses todos assentados,
Como a Razão e a Ordem consertavam:
Precedem os antigos mais honrados;
Mais abaixo os menores se assentavam;
Quando Júpiter alto, assi dizendo,
Cum tom de voz começa, grave e horrendo (Canto I, est. 23)

Percebe-se que há, na obra original, um adorno para a preparação da cerimônia em que Júpiter se apresentará. Na adaptação, a entrada de Zeus (Júpiter, na mitologia romana), é feita de forma direta e clara.

Na retextualização de Vale, fica evidente que a hierarquia de Júpiter em relação aos outros deuses é representada através do discurso, no momento em que a voz de Júpiter ecoa no Olimpo. Em Camões, percebe-se que o poder de Júpiter é representado na posição do local que ele ocupa, sendo “em luzentes assentos, marchetados, de ouro e de perlas”, enquanto os outros deuses, logo abaixo, “os menores se assentavam”.

3.2 Nesti (2006)

Na adaptação de Fido Nesti, o episódio “O concílio dos deuses” não está presente,

pois o autor justifica que “extraí, dos dez cantos (8.816 versos), os trechos que julguei mais relevantes e populares: a trágica estória de Inês de Castro, as experientes palavras do Velho Restelo, o dramático encontro com o Gigante Adamastor e os suspiros lascivos da Ilha dos Amores” (NESTI, 2006, p. 47).

É provável que o autor não tenha dado enfoque ao episódio por querer dar maior relevância aos fatos históricos, ao próprio Camões, que faz parte da narração, e ao povo lusitano, representado pela figura de Vasco da Gama, deixando, assim, o plano mítico em segundo plano.

Publicada pela editora Peirópolis, a obra de Nesti é uma História em Quadrinhos (HQs), que utiliza o recurso narrativo para trazer ao público infantojuvenil um primeiro contato com o texto clássico de *Os Lusíadas*, conversando, segundo Lima (2015), trechos originais da obra e respeitando a métrica do texto.

Ao adaptar a obra camoniana, o autor coloca Camões como narrador-personagem e traz algumas falas do autor que não estão na obra original. Assim sendo, essas mudanças presentes nas adaptações são comuns, pois, para Hutcheon, os indivíduos que adaptam as obras clássicas “utilizam as mesmas ferramentas que os contadores de histórias sempre utilizaram [...] e fazem seleções que não apenas simplificam, como também ampliam [...]” (2011, p.24)

É importante ressaltar que, embora o episódio aqui analisado não esteja presente nesta obra, esta adaptação contribui, de forma promissora, para a compreensão do enredo da obra clássica, assim como das principais figuras que estão presentes nela e, principalmente, na conservação, em certas partes, da linguagem original.

3.3 Braga (2007)

Na adaptação de Braga (2007), pela editora Scipione, os autores, diferentemente da epopeia *Os Lusíadas*, dividida em 10 cantos, trazem 33 capítulos. Assim como na adaptação, que traz o segundo capítulo intitulado de “O concílio dos deuses”, Camões, inicialmente, no canto I, entre as estrofes 20 e 41, também retrata o episódio. Na obra, o mecanismo de retextualização é realizado ao passo que há o resgate da prosa, em detrimento dos versos, acrescentando e retirando alguns elementos da obra original.

A retextualização é importante na produção da adaptação, pois, como explica Travaglia (2003), o tradutor põe um texto em uma outra língua, reconstruindo o sentido de um texto anterior. Em um dos momentos de “O concílio dos deuses”, Marte levanta-se para defender Vênus da opinião de Baco, a cena é descrita, em *Os Lusíadas*, da seguinte forma:

E disse assi: - “Ó Padre! a cujo império

Tudo aquilo obedece, que criaste,
Se esta gente, que busca outro Hemisfério,
Cuja valia, e obras tanto amaste:
Não queres que padeçam vitupério,
Como há já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito. (Canto I, est. 38)

Vejamos que, no trecho “- O senhor, meu Pai, já ordenou que esta gente que agora busca o Oriente não sofra mais privações. Se quer que a determinação do Destino seja cumprida, não ouça mais as razões de quem parece suspeito.” (BRAGA, 2007, p. 10), presente na adaptação, retrata o trecho supracitado da obra original.

Na versão adaptada, o modo como Júpiter é referido por Marte é mais simples e reduzido, retirando elementos que retratam a superioridade de Júpiter que “a cujo império Tudo aquilo obedece, que criaste”. Ademais, percebe-se que o trecho “não sofra mais privações” foi inserido para mostrar como o povo lusitano estava submetido ao destino dos deuses. Como também, os dois últimos versos, de certa forma, são fidedignos aos trechos finais da adaptação. Assim sendo, é notório que, na versão adaptada, a mensagem é transmitida com clareza e os elementos adicionados e retirados não dificultam o entendimento do trecho da obra original.

Considerações finais

O estudo das adaptações de Braga (2007), Nesti (2006) e Vale (2005) nos leva a compreender melhor a natureza de uma adaptação e também a sua importância quando o texto original trata-se de uma epopeia, levando em consideração que não é um texto acessível a determinados grupos de idade.

É necessário que venhamos a usufruir das adaptações de forma crítica e que conheçamos quais são os pontos positivos e negativos que as adaptações nos fornecem para que o uso delas seja

de forma consciente e benéfico. Além disso, em meio a tantas releituras, é preciso conhecer, de forma individual, como elas realizam o processo de retextualização.

A realização do estudo sobre adaptações de *Os Lusíadas* foi imprescindível para percebermos que esta obra mantém-se imortalizada e de tamanha importância como aparato de estudo no âmbito da literatura. Assim como a obra clássica, o gênero épico, como defende Ramalho, “sobrevive em muitas culturas, ainda que revestido de novas formas, como ocorre com qualquer gênero literário quando corretamente observado por lentes teóricas e críticas que levem em conta as transformações por que passam as manifestações literárias e artísticas em geral” (2015, p. 16).

Referências bibliográficas

BRAGA, Rubem. **Os Lusíadas**. São Paulo: Scipione, 2007.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André CECHINEL. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

LIMA, M. G. B. **“O Concílio dos Deuses” de Os Lusíadas em versões adaptadas da Epopeia de Camões**. Aracaju, SE : Criação Editora, 2023.

LIMA, M. G. B. **Os Lusíadas em quadrinhos (Fido Nesti) e os recursos da adaptação**. 2015. 69 f. Monografia (Graduação em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, 2015.

MATEUS, Rui Manuel Afonso. **Fundamentos e práticas da adaptação de clássicos da literatura para leitores jovens**. Coimbra: [s.n.], 2014. Tese de doutoramento.

MOISÉS, Carlos Felipe. Epopéia do homem moderno. In: **Revista Entre Livros Entre Clássicos**, n. 4, p. 32-41, 2007.

NESTI, Fido. **Os Lusíadas em quadrinhos**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2006.

OLIVEIRA, Livia Henrique De et al. **Adaptação dos clássicos literários como ferramenta para a democratização do ensino**. Anais VI CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2019.

RAMALHO, C.; BARRETO, M. G. L. Adaptações de Os Lusíadas: engenho e arte?. In: **Pandaemonium Germanicum**, v. 15, n. 29, p. 168-194, 2023.

RAMALHO, Christina. **A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes: o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal**. Aracaju: Artner Comunicação, 2015.

TRAVAGLIA, Neusa Gonçalves. **Tradução-Retextualização: a tradução numa perspectiva textual**. Uberlândia: Edufu, 2003.

VALE, Ricardo. **Os Lusíadas**. São Paulo: Escala Educacional, 2005.